

Capítulo XVI - O ENCONTRO COM AS FUTURAS VÍTIMAS FATAIS

Desde o momento em que fiz o convite a Ana para o passeio no Bateau Mouche, o meu raciocínio a respeito da festa estava influenciado por uma premissa que não havia sido comprovada de forma clara em nossas conversas: a de que Ana sabia nadar.

Não deixava de ser surpreendente o fato de eu não ter abordado esse tema básico para quem vai embarcar, principalmente em um passeio noturno, considerando ainda que tínhamos passado juntos praticamente o dia todo, conversando sobre os mais diversos assuntos.

Eu tinha certeza de que, por parte de Ana, também não houve nenhuma ressalva no sentido de transparecer qualquer sinal de insegurança ou preocupação por se aventurar em um passeio marítimo. Além disso, como ela havia mencionado que vivera boa parte da sua infância no litoral da Bahia, consolidou-se na minha mente a conclusão que ela sabia nadar. No entanto, nenhum desses indícios me eximia da culpa de não ter conferido especificamente a condição de ela ser uma boa nadadora.

E agora, no exato momento de decidir uma alternativa para encontrar a minha namorada naquela enorme confusão, sob penumbra e gritos alucinantes, faltava-me essa informação fundamental.

A dúvida se Ana sabia nadar, ou não, tornou mais complexo o modo de construir uma nova estratégia de resgate no curtíssimo prazo. Se a resposta fosse negativa, ela poderia estar em sérias dificuldades entre os naufragos que também não sabiam nadar, provavelmente mantendo-se viva, segurando algum tipo de boia. Era bem possível que estivesse submetida a certo grau de estado de choque e, influenciada ainda, pela balbúrdia ao seu redor, ela não conseguia ouvir os meus gritos, mesmo tendo repetido várias vezes os chamados.

Com o meu olhar direcionado para o Bateau Mouche, alcançando também os naufragos em suas lutas pela sobrevivência, eu estava decidindo o que fazer diante das novas dúvidas, quando notei um grupo de sobreviventes nadando em direção oposta à do barco. Alguns, com dificuldades, puxavam outras pessoas que deviam estar exaustas pelo esforço despendido para se manter respirando acima da linha d'água.

Capítulo XVI - O ENCONTRO COM AS FUTURAS VÍTIMAS FATAIS

Imediatamente, dei um giro de 180° no meu corpo e vi uma traineira que se aproximava com a nítida intenção de recolher os naufragos que conseguissem alcançá-la. Provavelmente, com receio de abalroar algum sobrevivente, o comandante posicionou o barco a cerca de 100 metros de distância do Bateau. Aparentemente simples, superar esses metros representava um desafio brutal para quem estava vivenciando aquele verdadeiro inferno, certamente com conhecimentos rudimentares de natação, e sem afastar, nesta avaliação, a possibilidade de ocorrência de ferimentos graves produzidos na queda que se seguiu à virada do barco.

O movimento de pessoas que se dirigiam para a traineira continuou aumentando dando a entender que vários sobreviventes adotaram a estratégia de economizar energia à espera de um socorro. E a chegada da traineira criou esse fluxo de naufragos em busca de um barco que oferecesse segurança.

Diante daquele cenário que trazia esperanças de sobrevivência para muitas pessoas, concluí rapidamente que, caso Ana soubesse nadar e não estivesse ferida a ponto de comprometer os seus movimentos, ela estaria indo em direção à traineira. Essa interpretação tinha, sem dúvida, um viés otimista, mas não aliviava nem um pouco a minha preocupação com a sua situação. Eu continuava com a missão prioritária de encontrá-la com vida o mais rápido possível.

Com base nesse princípio irreversível de responsabilidade, restava então, atuar sobre a hipótese associada ao fato de ela não saber nadar. Relembrei, em um piscar de olhos, que Ana permaneceu no barco até cair com as demais pessoas e objetos no mar. E que haveria uma razoável possibilidade de uma grave colisão tanto na queda, quando no retorno à superfície, pois os caminhos precisavam ser encontrados na base do tato. Afinal, a escuridão das águas impedia a identificação dos obstáculos ao redor de cada um, representados tanto por pessoas agindo com movimentos bruscos e acelerados, quanto pelos objetos e utensílios, que por questões de hidrodinâmica, deviam ter chegado primeiro à superfície, reduzindo os espaços para os naufragos emergirem das suas sagas submarinas.

Capítulo XVI - O ENCONTRO COM AS FUTURAS VÍTIMAS FATAIS

Decidi, assim, iniciar o meu nado em direção aos que não tinham condições de se deslocar até a traineira. Adotei um estilo semelhante ao nado de peito, mas mantendo a cabeça permanentemente fora d'água para evitar qualquer impacto, pois a penumbra reduzia significativamente o raio de visão. Além disso, essa posição permitia que eu gritasse o nome da minha namorada, com riscos mais reduzidos de beber água impulsionada pelas ondas.

Ao me aproximar um pouco mais das pessoas que não sabiam nadar, pude verificar o quadro de pânico que se instalara em muitas delas. Pareciam em estado de choque profundo e não se debatiam mais. Apenas se movimentavam o mínimo, no sentido vertical, com a colaboração do impulso dado pelas oscilações do mar. Outras, provavelmente extenuadas, emitiam seus últimos pedidos de socorro em um nível de voz quase inaudível, no meio da confusão.

Aquelas vidas, todas por um fio, me tocaram profundamente. Eu tinha clara na minha consciência, a responsabilidade primordial de encontrar Ana e resgatá-la com vida. Mas o quadro, diante dos meus olhos, era de imensurável misericórdia, sentimento que se agravava tendo em vista a minha impotência para prestar socorro a tantos necessitados. A sensação predominante era similar à de um médico atuando na frente de batalha e que recebe, ao mesmo tempo, dezenas de soldados gravemente feridos: como avaliar com a urgência que a situação demandava quem teria as melhores condições de sobreviver ?

Sem ainda obter uma resposta de Ana aos meus chamados, eu tentava encontrar uma solução que conciliasse as duas situações que se superpunham naquele ambiente de gravíssimas dificuldades: prosseguir na busca incessante pela minha namorada, gritando por ela, e de uma forma ágil e rápida, ajudar as pessoas a manter as esperanças de sobrevivência, empurrando para elas os materiais que flutuavam nas imediações. Sem a menor expectativa de receber uma resposta, ao passar as boias improvisadas, eu fazia questão de deixar uma mensagem otimista para cada um, dizendo para que não largassem o que eu estava entregando para a flutuação e que o socorro estava a caminho.

Capítulo XVI - O ENCONTRO COM AS FUTURAS VÍTIMAS FATAIS

A decisão do comandante da traineira em mudar a sua rota original para oferecer ajuda aos naufragos era um bom prenúncio de que outros barcos se sensibilizariam com a tragédia que pôs fim ao passeio turístico do Bateau Mouche e chegariam em breve para prestar auxílio. No entanto, essa nobre atitude de solidariedade embutia abrir mão de assistir à queima de fogos, frustrando à expectativa de familiares e convidados a bordo. Até aquele momento, só o comandante da traineira havia optado por tal comportamento humanitário.

Considerando essa esperança de socorro iminente, os naufragos agarrados às suas boias, mesmo em pré-estágio de afogamento, mas ainda fisicamente próximos ao Bateau, tinham mais chance de sobreviver.

